

Fernando Molica

Razões de direita

Não adianta culpar apenas os ecos da Lava Jato: a diminuição do apoio à esquerda em praticamente todo o país e a ascensão de candidatos conservadores ou de direita radical reforçam uma mudança do eleitor.

Sim, o estrago feito pela tabelinha entre Sérgio Moro e o Ministério Público foi grande, acabou de vez com uma ligação entre honestidade e a esquerda outrora tão cultivada pelo PT — Leonel Brizola (1922-2004) costumava chamar o partido de “UDN de macacão e tamancos”, uma ironia com a agremiação de Carlos Lacerda (1914-1977), que tanto focava na moralidade dos negócios públicos.

Jair Bolsonaro desde meados de seu mandato na Presidência vem sendo alvo de muitas acusações e críticas, mas seu apoio a alguns candidatos se mostrou decisivo na reta final do primeiro turno. O bolsonarismo e direita demonstram, até agora, uma resiliência maior do que a do PT.

Cria do processo de indus-

trialização que teve São Paulo como grande referência nacional, o PT demonstra uma certa nostalgia do tempo em que o grande objetivo na vida de um trabalhador era conseguir um emprego numa grande multinacional, algo que também abria perspectivas de carreira.

Os relatos do presidente Lula sobre a alegria de virar metalúrgico são hoje mais válidos como documento histórico do que como exemplo de vida para milhões de jovens que arriscam suas vidas montados em motocicletas ou que passam horas a fio ao volante de um carro preso a um aplicativo de transporte.

Um vídeo postado ontem por Rick Azevedo, vereador eleito no Rio pelo Psol, ajuda a entender o fenômeno. Ele exalta seu compromisso na defesa dos trabalhadores, mas não cita operários da indústria, mas os que ralam em shoppings, padarias, postos de gasolina, restaurantes, lanchonetes e call centers — o pessoal de comércio e serviços que ganha pouco e tem baixa

expectativa de crescimento dentro do próprio emprego.

Trata-se de gente que se considera explorada, mas que não nutre esperanças de, com a luta do combalido sindicalismo, conquistar ganhos expressivos. Mais do que xingar os patrões, querem ser donos dos próprios negócios. Movidos por uma força de inspiração religiosa e de busca de uma terra prometida, apostam no individualismo e não na luta coletiva.

São pessoas nem tão jovens assim para sonhar com a universidade tão alardeada por Lula, um caminho importante, mas muito duro para os mais pobres. Muitas vezes, estudar significa abrir mão de trabalhar e de dormir. Brigar por terra e moradia representa um direito, mas é duro viver num acampamento do MST e encarar tiro, porrada, bomba e reprimenda social a cada ocupação.

As necessárias e importantíssimas pautas identitárias geraram ganhos como a transformação da luta contra o racismo em assunto corrente e a

proliferação — há alguns anos impensável — de eleições de candidatas e candidatos transexuais.

Mas os setores progressistas não se preparam para a reação oportunista e caricatural dos que fazem questão de fingir confundir afirmação de direitos com uma suposta e risível imposição de comportamentos.

A eleição de Lula em 2022 não muda o quadro, apesar de todos os erros de Bolsonaro no combate à pandemia e de seus acenos golpista, a vitória foi bem apertada.

A mudança na sociedade é tão gritante que o extremismo de direita passou a ser aceitável, diferentemente do que ocorre com posições mais radicais da esquerda. O PT acabou identificado com uma posição conservadora, que remete a tempos pretéritos.

O discurso da rebeldia, do contra tudo que está aí, acabou assumido pela direita. Como não vai dar para trocar de povo, a esquerda precisa tratar de entendê-lo e de adaptar conceitos e certezas.

Rodrigo Bethlem*

Nada será como antes

Esta eleição certamente nos traz algumas lições e alguns alertas. Ressalto que minha opinião não é de torcedor, mas sim sob a ótica da Comunicação e do Marketing Político.

O interesse nacional despertado pela eleição em São Paulo teve em Pablo Marçal seu ator principal, para o bem ou para o mal.

O primeiro ponto importante, sob a perspectiva política, é que o monopólio da direita exercido pelo bolsonarismo se foi. Bolsonaro continua sendo um líder forte, mas não mais absoluto.

Marçal mostrou que qualquer um que encampe temas e pautas da direita, de forma clara, consegue avançar no eleitorado, independente-

mente do direcionamento de Bolsonaro.

Outra questão que prevaleceu foi a ênfase nos assuntos municipais, em vez da nacionalização.

A reeleição de Eduardo Paes mostra claramente isso. O PL apostou todas as suas fichas na nacionalização e quebrou a cara.

Contra um candidato prepotente, que conhece a cidade e tem serviços prestados, em momento algum conseguiram empolgar o eleitorado como uma alternativa.

O resultado foi Eduardo Paes vitorioso em todas as zonas eleitorais da cidade.

Sob a ótica da Comunicação, Marçal deu uma aula de comunicação moderna.

Sem tempo de televisão, sem rádio e sem uma quantidade enorme de candidatos a vereador, consegui encarar de igual para igual as enormes máquinas partidárias.

Que sirva de lição. Não estou tratando do conteúdo, mas da forma.

Candidatos que investem fortunas em marqueteiros para criar programas de TV esteticamente exemplares já não têm mais o mesmo efeito de outrora.

Hoje, o mundo se comunica instantaneamente, por meio de um aparelho que anda em nosso bolso.

Marçal usou esses recursos com maestria. Sob a ótica da Comunicação, já foi um vitorioso.

Por último, quero comentar sobre a enorme quantidade de pesquisas que surgiram nos municípios, com resultados discrepantes, servindo mais como peça publicitária do que como um instrumento de informação para as campanhas.

Sendo sócio de uma empresa de pesquisa, questiono se a divulgação dessas até a véspera da eleição, funcionando como uma verdadeira peça publicitária das campanhas, não confunde o eleitor na sua decisão.

Pesquisa deve servir para nortear as campanhas e não para fazer publicidade e induzir o eleitor.

*Ex-deputado.
Consultor político

Diego Faro*

Hora de agradecer

Ser eleito vereador do Rio foi uma experiência transformadora, guiada pela fé em Deus e pelo desejo de ajudar o próximo. Como disse várias vezes ao longo da campanha, nunca me imaginei como candidato. Mas quando aceitei o convite do governador Cláudio Castro, sabia que estava abraçando um desafio — e fiz isso de coração aberto, com a vontade genuína de fazer a diferença na vida das pessoas.

Minha trajetória sempre foi pautada por princípios claros: defesa da vida, da fa-

mília, de uma educação com valores, inclusão e incentivo ao empreendedorismo. Caminhei por diversos bairros, conheci de perto a realidade das comunidades e me conectei com as necessidades de tantas famílias. Cada conversa, cada história ouvida me fortaleceu e reforçou minha vontade de servir ao próximo, mostrando que eu estava no caminho certo. Para mim, a política é uma ferramenta de transformação, capaz de trazer mudanças concretas e impactar vidas de verdade. Acredito que só com

proximidade, escuta e ação podemos construir uma cidade mais justa e com oportunidades para todos.

Agradeço a Deus por me fortalecer todos os dias nesta caminhada. Sou grato ao governador Cláudio Castro por confiar essa missão a mim e por acreditar no potencial dessa proposta de mudança. E, acima de tudo, agradeço a todos vocês que acreditaram no nosso projeto e caminharam lado a lado comigo. A campanha terminou, mas o verdadeiro trabalho começa agora. Ser vereador é

um compromisso, é representar aqueles que desejam a mudança e que querem ver um Rio melhor para se viver. Quero honrar cada voto recebido com ações e políticas que realmente façam a diferença no dia a dia das pessoas.

Muito obrigado por acreditarem, por caminharem comigo e por fazerem parte dessa história! Vamos juntos construir um futuro melhor para o Rio!

*Eleito novo vereador da cidade do Rio de Janeiro pelo PL

EDITORIAL

O mal jamais vencerá o bem!

A campanha eleitoral acabou e já sabemos os resultados das eleições municipais. Sejam eles candidatos eleitos neste primeiro turno ou aqueles que disputarão, mais uma vez, no fim deste mês de outubro candidaturas das prefeituras pelo país.

Mesmo com o fim desta primeira parte das campanhas, é preciso fazer uma reflexão não tão positiva de tudo isso que acompanhamos. Já que existiram, como sempre, estratégias agressivas, onde o foco não estava apenas em apresentar propostas ou debater ideias do candidato que seria o ideal para vencer, mas em atacar o adversário.

Em todo o país, por trás de perfis fakes e jornalecos fictícios, candidatos utilizando táticas de difamação para tentar prejudicar a imagem de seus concorrentes, muitas vezes baseando-se em mentiras ou distorções da verdade.

Esse comportamento, infelizmente, não é uma novidade. Ao longo da história, o jogo sujo das campanhas eleitorais sempre esteve presente, com casos emblemáticos de difamação e calúnia. No entanto, com o avanço tecnológico, a proliferação de mentiras ganhou uma escala jamais vista antes, o que

tem levado a um aumento significativo na polarização política e na desconfiança em relação às instituições democráticas.

Um exemplo prático para entendermos até onde vai a maldade das pessoas durante campanhas eleitorais. Notícia hoje aponta que a perícia da Polícia Federal concluiu que assinatura de médico em laudo publicado por Pablo Marçal contra Guilherme Boulos, em SP, é falsa.

O mais preocupante nesse cenário é que, muitas vezes, as consequências dessas táticas sujas não se restringem ao período eleitoral. Mesmo após o término das eleições, as mentiras disseminadas podem continuar a reverberar, prejudicando a governabilidade e minando a confiança do povo no vencedor do pleito. Lembrem o quanto já falamos dos dois lados das redes sociais? A verdade, que deveria ser o pilar central de uma campanha, acaba sendo jogada de lado, e a mentira acaba sendo disseminada.

Por fim, estamos diante de mais uma campanha eleitoral para os municípios que terão segundo turno. Muita atenção eleitor, o mal jamais vencerá o bem. Isso vale para a política, isso vale para a nossa vida.

A singularidade da eleição municipal

Que país é esse? Uma pergunta cuja resposta se dá em várias alternativas e todas estarão certas. Afinal, a única coisa que sabemos é que este país se chama Brasil e nele vivem vários brasis.

As eleições municipais provaram como cada cidade se comporta de uma forma distinta politicamente, com ou sem a intervenção do Governo Federal ou da oposição. Porém, o que deve ser levado em conta, neste ano, foi a grande polarização dos partidos denominados “Centrão”.

O grande vitorioso, sem dúvida, foi o PSD, que fez mais prefeituras do que o tradicional MDB. Outros, como União Brasil, PP e Republicanos também saem fortes neste pleito municipal. Podemos, Avante, Solidariedade, PDT, PSB, Rede Sustentabilidade, Psol, PSDB e Cidadania também são outros que podem ter suas singularidades em cada município e região.

Agora, os dois grandes anta-

gônicos, PT e PL, que proporcionam a maior divisão política do Brasil, com Lula e Bolsonaro, respectivamente, sendo as maiores estrelas de cada legenda, foram bem distintos um do outro. Enquanto o atual presidente não abocanhava uma quantidade expressiva de cidades, o ex-presidente fez uma enxurrada de municípios. Isso não prova que o Brasil está contra ou a favor do governo, e sim como a dicotomia regional pode muito bem se diferenciar da estadual e nacional. Eleger um prefeito não depende da estrutura político-partidária e sim de saber qual o melhor projeto para a sua região.

A pessoa pode votar em um partido a nível municipal, mas em outro a nível estadual e federal. E assim vem a pergunta: Que país é esse? Não sabemos, mas o que temos que ter em mente é de que há várias nuances dentro dele e que todas devem ser respeitadas.

Opinião do leitor

Eleições

O Rio virou baile com Paes. Nunes e Boulos lutam por São Paulo. Campos reina no Recife. PT busca retomar Porto Alegre. PSD, MDB, PP e Republicanos brilham. A direita cresce e a esquerda cai. Esse é um breve resumo das eleições municipais.

Tomáz Nabim Lima
São Paulo - São Paulo

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: CONGRESSO DEBATE REGOVAR A ATUAL LEI DE IMPRENSA

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de outubro de 1929 foram: Aviadores franceses Costes e Bellonte são encontrados

perto da Manchúria e em perfeitas condições físicas. Congresso discute a revogação da lei de imprensa. Dois trens se chocam na Central do Bra-

sil e deixam seis pessoas gravemente feridas. Filósofo alemão Conde de Keyserling faz palestra na Academia Brasileira de Letras.

HÁ 75 ANOS: BRASIL NÃO VAI DESVALORIZAR O CRUZEIRO

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de outubro de 1949 foram: Potências ocidentais afirmam que a criação da Alemanha

Oriental seria para a URSS firmar um tratado de paz fictício com a Alemanha. Comitê da OTAN declara a mais alta proteção aos países da Eu-

ropa Ocidental. Primeiro-ministro francês pede demissão do cargo. Dutra afirma que não vai desvalorizar o cruzeiro.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima
Serviço noticioso: FolhaPress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22775-057
Brasília: ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes -
Brasília - DF - CEP: 71.736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.